

Gramática na Teoria Gerativa

# **Estudo da fala conectada na região metropolitana do Rio de Janeiro**

*Jamille Vieira Soares*

**RESUMO:** Este squib tem como tema o estudo da fala conectada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Tradicionalmente, este fenômeno é denominado de sândi externo, pois a ocorrência se dá em fronteira de palavras. Dado o número de trabalhos com esse tema, achamos oportuno abordar esse assunto por uma outra perspectiva, no caso, uma análise fonética experimental, a fim de tentar explicar e determinar quais fatores estão envolvidos na realização do fenômeno, ou seja, o sândi vocálico externo. Dentre os objetivos apresentados nesse artigo está, ainda, a comprovação da hipótese de o fenômeno não se limitar apenas à queda de vogais átonas, como foi descrito em Souza (1979, 1981 e 1983), Bisol (1999). A abordagem física do fenômeno mostrou, portanto, que outras explicações, fora do âmbito da fonologia, podem ser oferecidas, trazendo não só evidências à recursividade prosódica, mas também colocando em perspectiva um campo fértil de discussões.

**PALAVRAS-CHAVE:** dialeto carioca, sândi externo vocálico, padrões prosódicos.

**ABSTRACT:** This squib has as its theme the study of connected speech in the metropolitan area of Rio de Janeiro. Traditionally, this phenomenon is called external sandhi, since the occurrence takes place in border words. Given the number of works with this theme, we thought appropriate to address this issue from another perspective, in this case, an experimental phonetics analysis in order to try to explain and determine which factors are involved in making the phenomenon, that is, the external vowel sandhi. Among the objectives presented in this article is also proof of the hypothesis of the phenomenon is not limited only to the fall of unstressed vowels, as described in Souza (1979, 1981 and 1983), Bisol (1999). The physical approach of the phenomenon showed, therefore, that other explanations, other than for phonology, may be offered, bringing not only the prosodic evidence recursion, as putting into perspective a fertile field of discussions.

**KEYWORDS:** Rio dialect, vowel external sandhi, prosodic patterns.

## Introdução

O estudo descrito neste artigo trata da fala conectada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Procurou-se descrever o fenômeno conhecido como sândi vocálico externo, já que sua ocorrência se dá entre duas vogais em fronteiras de palavras. Apresentamos uma proposta através de uma análise de fonética experimental, dessa forma tentaremos explicar e determinar os fatores que estão envolvidos na realização do fenômeno<sup>1</sup>.

É válido observar que, embora estejamos delimitando nosso objeto como “dialeto carioca”, os dados coletados, por vezes, englobam municípios do entorno do Rio de Janeiro, abarcando a região, geograficamente, denominada região metropolitana do Rio.

Foi testada a hipótese de o fenômeno não se limitar apenas à queda de vogais átonas, como foi descrito em outros trabalhos. Dessa forma, foram revistos não só o fenômeno em si, como os casos problemáticos focalizados por SOUZA (1978, 1981 e 1983), através de uma perspectiva que leve em conta um tratamento fonético-acústico dos dados. Para tanto, recorreremos a dois programas básicos à análise: **Audacit** e **Praat** (BOERSMA, WEENICK, 2013)<sup>2</sup>.

### 1 Sobre o sândi externo

Muitos aspectos do Sândi na Língua Portuguesa foram abordados por Mattoso Câmara (1954), principalmente quando ele fala sobre vocábulo fonético e fonológico. Ainda, sobre a língua portuguesa, o autor apresenta em linhas gerais o que acontece em ambiente de junção vocabular quando há encontro de dois vocábulos terminados e iniciados por vogal respectivamente.

Trabalhos mais recentes trazem algumas variações em torno da definição de sândi.

Cagliari (2002: 105), por exemplo, define o fenômeno como:

O sândi é um fenômeno que ocorre nas fronteiras de palavras (junção vocabular). Consiste na transformação de estruturas silábicas nesse contexto, causada, em geral, pela queda de vogais ou pela transformação de ditongos ou mesmo pela ocorrência peculiar de certos sons.

<sup>1</sup> Este squib é baseado em minha dissertação de mestrado, defendida em 2014.

<sup>2</sup> O Audacit foi utilizado para recortar gravações com mais de vinte minutos de duração. Já o PRAAT, além de nos dar a possibilidade de ouvir as gravações, nos deu uma análise acústica dos dados, principalmente no que se refere aos formantes 1 e 2.

Já Bisol (1999 : 232), numa outra perspectiva, assim define o fenômeno do sândi:

O sândi é referido, de modo geral, como um fenômeno de fonética sintática que registra alterações fonéticas ocasionadas por contato de formas livres, transformando-as em formas presas.

Souza (1979, 1981 e 1983) seguindo princípios de Chomsky e Halle (1968) sobre atribuição cíclica de graus acento à frase apresentou um estudo em que propunha uma interface sintaxe/ fonologia, e não apenas descreveu os fenômenos, como procurou explicá-los de forma em que fossem observados os seguintes contextos: o tamanho do sintagma, pela qualidade da vogal e pela velocidade de fala. Ainda argumenta que a ocorrência do sândi atinge não apenas a degeminação, mas também a elisão de vogais diferentes da vogal /a/ em diferentes contextos. A abordagem de Souza (1979,1981, 1983) ao fenômeno de fala conectada, refere-se a distribuição de graus de acentos nas frases. Segue a aplicação dos graus de tonicidade:

1a Paulo adorauva

$$\begin{array}{r} \underline{1 \quad 1 \quad 1} \\ \quad \underline{2 \quad 1} \\ \underline{2 \quad 3 \quad 1} \end{array}$$

1b Paulo adoruva doce

$$\begin{array}{r} \underline{1 \quad 1 \quad 1 \quad 1} \\ \quad \underline{2 \quad 1} \\ \quad \quad \underline{2 \quad 3 \quad 1} \\ \underline{2 \quad 3 \quad 4 \quad 1} \end{array}$$

Verificou-se que a elisão da vogal átona final pode ou não ocorrer dependendo do peso do sintagma em que se insere o grupamento fonológico.

Um traço em comum entre os trabalhos recentes é a citação a trabalhos de Bisol (1999 e 2002) em torno desse tema. A referida autora, numa perspectiva variacionista, se detém, com base em pressupostos da Fonologia Prosódica, a descrever dois processos básicos: a ressilabificação e a queda da vogal em processo de degeminação e elisão, recorrente no interior de diferentes constituintes - sílaba, pé métrico, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entonacional e enunciado - definidos por Nespor e Vogel (1986).

## 2 Sândi vocálico: uma abordagem fonética

A opção por um tratamento acústico-fonético pretendia revelar, na verdade, os traços característicos das vogais que se encontram no processo de juntura. A abordagem que apresentamos a seguir baseia-se na análise dos formantes das vogais em causa, a fim de comprovar a queda da vogal /u/ e da vogal /a/.

O *corpus* da pesquisa conta com entrevistas, leituras de frases pré-selecionadas, gravações de programas de televisão.

Ambientes analisados	# consultores	Localidade	Tempo de gravação	Modo de gravação
Fala controlada	10	Nova Iguaçu e Zona Sul do Rio de Janeiro	Aprox. 30 min.	Gravador Sony e PRAAT
Fala espontânea	6	Nova Iguaçu e Zona Sul do Rio de Janeiro	Aprox. 2h e 30 min.	Gravador e PRAAT
Leitura de texto <sup>3</sup>	3	Nova Iguaçu	Aprox. 15 min.	PRAAT

**Tabela 1:** Descrição do *Corpus*

A metodologia utilizada para análise deste *corpus* foi distribuir as sentenças por grupos: O comportamento da vogal /a/ nos ambientes [v#v] e [v#v̄]<sup>4</sup>; o comportamento da vogal /u/ nos mesmos ambientes.

Para uma análise um pouco mais apurada contou-se com o auxílio de dois *softwares*, Audacity e PRAAT, que são usados muitas vezes como editores e ou gravadores de áudios em geral.

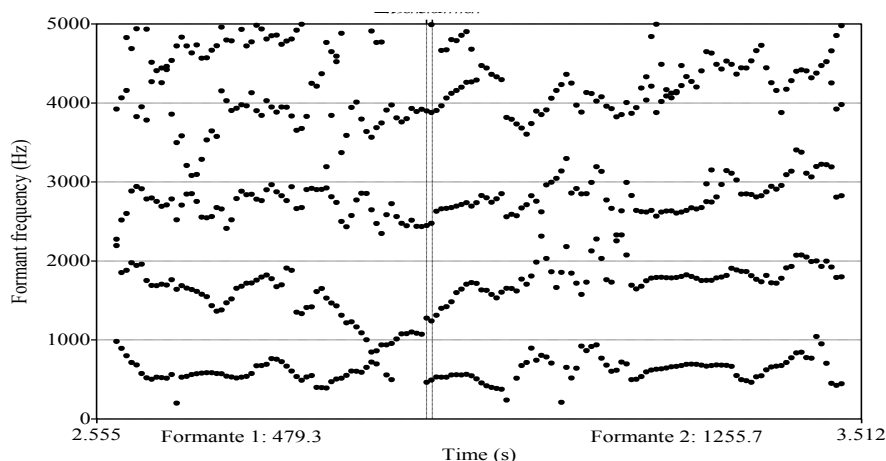
## 3 A análise

O trabalho desenvolvido enfocou dados de diferente natureza, /a/, e /u/ em ambientes átonos e tônicos, buscando verificar se a abrangência do sândi no dialeto carioca se dá como descrito em Souza (1979, 1981 e 1983) a fim de argumentar a favor de uma ocorrência do sândi mais estendida do que dizem as

<sup>3</sup> A leitura de texto descrita no *corpus* diferencia-se dos dados de fala controlada, pois são trabalhados contextos de enunciados maiores.

<sup>4</sup> Os ambientes representados são : [v#v] encontro de vogal átona em fronteira de palavra com outra vogal átona e [v#v̄] encontro de átona em fronteira de palavra com outra vogal tônica. .

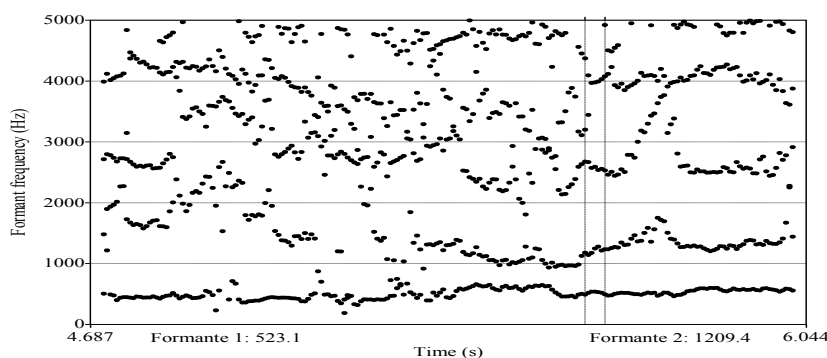




**Figura 1 :** Espectrograma para o dado de fala espontânea 'Entra pra uma espécie de clube'<sup>6</sup>

Sobre a queda da vogal /a/, não há dúvidas, e todos os trabalhos sobre o sândi recortam para o /a/ o mesmo comportamento. No dialeto carioca, porém, podemos comprovar que a vogal /u/, diferente dos referidos trabalhos, apresenta comportamento muito próximo ao da vogal /a/. Logo, vamos nos deter a ilustrar a queda da vogal /u/, que vai além do processo de degeminação.

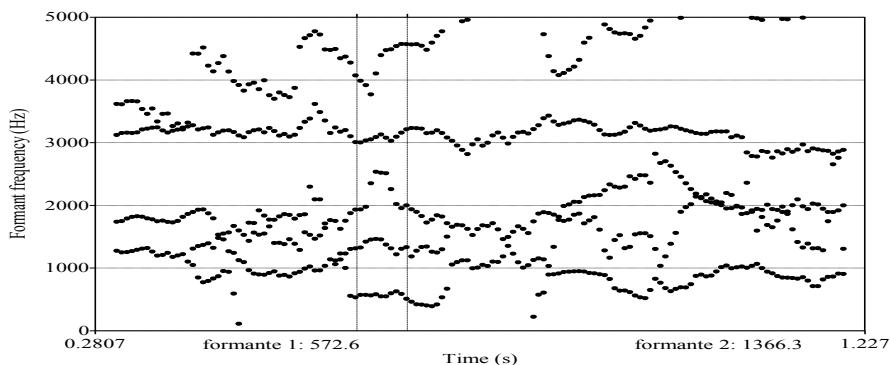
- 2      Preciso do cálculo exato.                      **Onde a vogal [u] sofre queda**  
                calculexato                                      Consultor: sexo masculino



**Figura 2:** Espectrograma para o dado de fala espontânea 'preciso do cálculo exato'

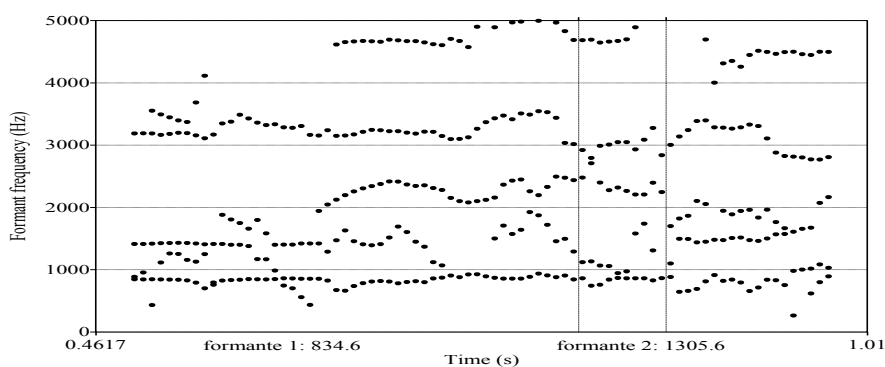
- 3      As passeatas parecem um ato ensaiado.                      **Onde a vogal [u] cai**  
                ati)saído    Consultor : sexo feminino

<sup>6</sup> As linhas pontilhadas verticais representam o ambiente em que se realizou o fenômeno de sândi, e ainda, no rodapé da ilustração encontra-se o número em Hertz dos formantes analisados.



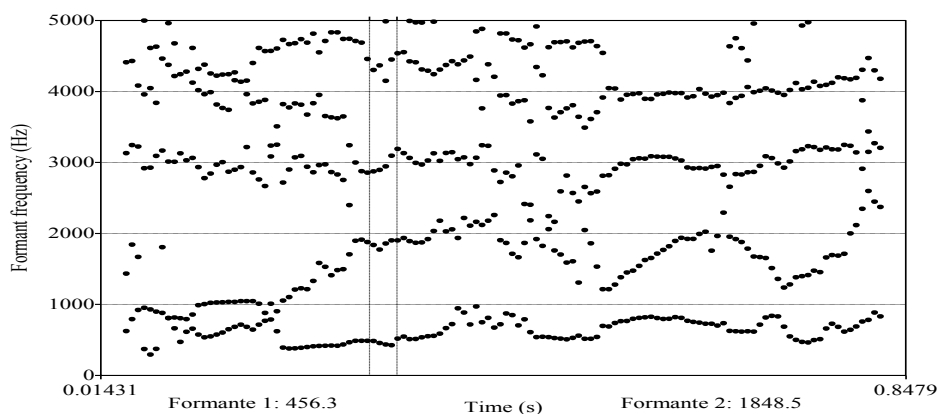
**Figura 3:** Espectrograma para o dado de leitura de texto 'as passeatas parecem um ato ensaiado'

- 4      Roberto adora andar de skate.      **Onde a vogal [u] cai**  
          robertadora                                      Consultor: sexo feminino



**Figura 4:** Espectrograma para o dado de fala espontânea 'roberto adora andar de skate'

- 5      amo esse bairro                                      **onde a vogal /u/ sofre queda**  
          amesse    Consultor : sexo feminino



**Figura 5 :** Espectrograma para o dado de fala espontânea 'amo esse bairro'

Ao observarmos os exemplos acima, atestamos que tanto a vogal /a/ quanto a vogal /u/ sofrem queda em um mesmo ambiente, ou seja, verificou-se que no grupamento fonológico no qual ocorre a contiguidade de vogais distintas, a elisão

da vogal átona final pode ou não ocorrer dependendo do peso do sintagma em que se insere o grupamento fonológico.

Diferente da vogal /a/, a queda do /u/ é mais esparsa, porém, quando a mesma ocorre, constatamos que a vogal cai nos mesmos ambientes em que cai a vogal /a/, ou seja, atesta-se, aqui, no dialeto em estudo, um comportamento do /u/ diferente do que se propõe em outros trabalhos sobre o sândi.

### **Considerações Finais**

A análise física do fenômeno de Sândi, através dos dados coletados, buscou comprovar tanto a queda dos segmentos, ao analisarmos os formantes, quanto o fator que estaria condicionando a queda ou a manutenção dos segmentos.

Constatou-se que o comportamento das vogais /a/ e /u/ é semelhante, como que se havia previsto em Souza (1978, 1981, 1983).

Embora tenham sido nossas estratégias de análise diferentes, podemos reafirmar, para a ocorrência do sândi no dialeto em estudo, certos dados: o comportamento semelhante das vogais /a/ e /u/. A explicação para esse fato, dada por Souza, se baseou na proximidade dos valores do segundo formante das vogais /a/ e /u/, pois, dado o fato de os graus de constricção de a e u serem relativamente equivalentes, já que o grau de constricção na realização do a é bem pequeno, quase igual ao de u, isto seria acarretado pela proximidade do segundo formante dessas vogais: o segundo formante é o mais importante na caracterização das vogais; este formante aumenta a frequência da vogal se o ponto de constricção avança para frente da boca e se a abertura da boca for cada vez maior.

Além dessa explicação, a proximidade entre essas vogais está também nos graus de intensidade: as vogais /a/ e /u/ contam com 24dbs, a vogal /e/, com 23dbs e a vogal /i/, com 22. Talvez esteja nesses valores o fato de a queda das vogais /a/ e /u/ acontecer nos mesmos contextos .

Por fim, concluímos que o sândi não só atinge processos de degeminação e elisão das vogais /a/e /u/, nos ambientes de junção de duas vogais átonas, ou de vogal átona seguida de vogal tônica, como se mantém como fenômeno constante na língua.



**REFERÊNCIAS :**

ABAURRE, M. B. M. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos do português brasileiro. Campinas, SP: Editora Unicamp, Cadernos de Estudos Linguísticos, v,10, 1986

BISOL, L. Os constituintes prosódicos. Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1999

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica: introdução a teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico* - Campinas,SP: Mercado de letras, 2002

CÂMARA JR, J. Mattoso. *Estrutura da Língua portuguesa*. 41ª Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2008.

CHOMSKY, N. HALLE, M. The sound pattern of English. New York: Harper & Row eds, 1968

SOUZA, T. C. C. de. O sândi externo no dialeto carioca. Dissertação de mestrado (inédito). UFRJ, 1979.

\_\_. Sândi Vocálico em português: homonímia e opacidade. Anais do IV Congresso Nacional de Linguística, PUCRJ. , v.IV, p.19 - 30, 1981.

\_\_. Das mudanças morfofonêmicas em português. Ensaio de Linguística 9, 188-207, UFMG, 1983.

**Recursos digitais online :**

BOERSMA, Paul ; WEENINK, David. **Praat: doing phonetics by computer [Computer program]**. Version 5.3.51, <<http://www.praat.org/>>